



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA LOCAL
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

ALISSON DEIVISON SILVA PEREIRA

**AS IDENTIDADES POLÍTICAS CAMPINENSES FORJADAS NO
SEIO DOS ESPAÇOS CULTURAIS: UMA AVALIAÇÃO
HISTORIOGRÁFICA ACERCA DO ENVOLVIMENTO DA POLÍTICA
NO FOMENTO DA CULTURA LOCAL**

CAMPINA GRANDE

2020

ALISSON DEIVISON SILVA PEREIRA

**AS IDENTIDADES POLÍTICAS CAMPINENSES FORJADAS NO
SEIO DOS ESPAÇOS CULTURAIS: UMA AVALIAÇÃO
HISTORIOGRÁFICA ACERCA DO ENVOLVIMENTO DA POLÍTICA
NO FOMENTO DA CULTURA LOCAL**

Trabalho de conclusão do curso (Artigo) apresentado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial a obtenção de título de Especialização em Estudo de História Local.

Linha de pesquisa: Espaços, cultura e Sociabilidades

Orientadora: Professora Doutora Hilmária Xavier Ribeiro

CAMPINA GRANDE

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436i Pereira, Alisson Deivison Silva.

As identidades políticas campinenses forjadas no seio dos espaços culturais [manuscrito] : uma avaliação historiográfica acerca do envolvimento da política no fomento da cultura local / Alisson Deivison Silva Pereira. - 2020.

23 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro, Departamento de História - CH."

1. História política. 2. História local. 3. Identidade política. 4. Campina Grande - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 907.2

ALISSON DEIVISON SILVA PEREIRA

**AS IDENTIDADES POLÍTICAS CAMPINENSES FORJADAS NO
SEIO DOS ESPAÇOS CULTURAIS: UMA AVALIAÇÃO
HISTORIOGRÁFICA ACERCA DO ENVOLVIMENTO DA POLÍTICA
NO FOMENTO DA CULTURA LOCAL.**

Trabalho de conclusão do curso (Artigo) apresentado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial a obtenção de título de Especialização em Estudo de História Local.

Linha de pesquisa: Espaços, cultura e Sociabilidades

Orientadora: Professora Doutora Hilmária Xavier Ribeiro

Apresentando em 06/07/2020

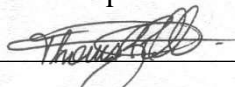
BANCA EXAMINADORA



Professora Doutora Hilmária Xavier Ribeiro (UEPB)

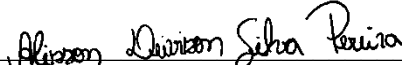


Professora Mestre Raquel Silva Maciel (UFCE)



Professor Mestre Thomas Bruno Oliveira (UEPB)

AUTOR DO TRABALHO



Alisson Deivison Silva Pereira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 A TEATRALIZAÇÃO DA POLÍTICA PARAIBANA, ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS ACERCA DA TEMÁTICA.....	9
3 O “COMPLEXO” DA CULTURA CAMPINENSE: QUANDO O INSTITUCIONAL NÃO É MAIS SUFICIENTE, A BOATE ESCANCARE COMO MICROCENTRO CULTURAL PERIFÉRICO.....	12
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21

AS IDENTIDADES POLÍTICAS CAMPINENSES FORJADAS NO SEIO DOS ESPAÇOS CULTURAIS: UMA AVALIAÇÃO HISTORIOGRÁFICA ACERCA DO ENVOLVIMENTO DA POLÍTICA NO FOMENTO DA CULTURA LOCAL.

PEREIRA, Alisson Deivison Silva¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma revisão historiográfica no tocante às discussões das identidades políticas campinenses e seu processo de sua invenção ou reinvenção a partir da apropriação, ou sua tentativa, de certos espaços culturais que serão tratados neste trabalho. Inicialmente, dialogaremos com os estudos feitos por Stuart Hall em *A identidade cultural na Pós-Modernidade* com a finalidade de entender a chamada crise de sujeito e a formação das identidades, com isso buscamos perceber como se deu o processo de construção dessas identidades políticas locais. Nosso enfoque será a partir do processo da já mencionada “apropriação” de espaços específicos que transitam entre o formal, institucional e o informal, periférico. Deste modo, buscaremos na produção historiográfica local entender esse processo de reafirmação ou construção desses representantes políticos locais a partir da sua intencionalidade em se fazer notável, minimamente, nos espaços que trataremos neste trabalho. Tomamos aqui por base as discussões suscitadas por Santos em sua dissertação *Enredando Campina Grande nas teias da cultura (1965-2002)*, assim como a tese do professor Aires, *Cenas de um espetáculo político: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945)*, que trabalhou com um contexto anterior ao que se propõe discutir neste artigo, mas que contribui muito para entendemos as propostas da nova história política, bem como o processo de teatralização da política, por fim, buscaremos na obra *Fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*, de Lima, perceber o triunfo da família política Cunha Lima e colaborar com o aspecto dos usos desses espaços culturais pelos políticos, e em consequência disso, verificar a possibilidade desse mesmo uso em espaços “não institucionalizados”.

Palavras-chave: História política. Identidade. História local. Campina Grande – PB

1 uepbalisson@gmail.com

ABSTRACT

This article aims to discuss how historiographical productions about the political identities of Campinas that do not touch the process of their invention or reinvention from the appropriation, or their attempt, of certain cultural spaces that are currently being used in work. Initially, it dialogues with the studies made by Stuart Hall in *The cultural identity in Post-Modernity* with the use of understanding a crisis call and the formation of identities, with this we seek to understand how the process of construction of these local political identities took place. Our focus will start from the process already mentioned “appropriation” of specific spaces that move between formal, institutional and informal, peripheral. In this way, seek in the local historiographical production to understand this process of reaffirmation or construction of these local political representatives based on their intention to make it remarkable, minimalist, in the spaces they deal with in this work. We take here as a basis the discussions raised by Santos in his dissertation *Enredando Campina Grande in the cities of culture: 1965-2002*, as is the case with Professor Aires, *Scenes from a political spectacle: power, memory and celebrations in Paraíba (1935-1945)*, who worked with a previous context and discussed in this article, but who contributes a lot to understand the proposals of the new political history, as well as the process of theatricalization of politics, finally looking in the work *Fábrica de Sonhos: the invention of the June party in urban space, in Lima*, perceive the triumph of the Cunha Lima political family and collaborate with the aspect of the uses of these cultural spaces by political interests, and as a result of this intend to verify the possibility of that same use in “non-institutionalized” spaces.

Keywords: Political history. Identity. Local history. Campina Grande – PB

1 INTRODUÇÃO

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessam. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2005, p.15)

A comunicação e seus elementos caminham sob uma via onde a mensagem, para que se complete o processo comunicativo, precisa partir do emissor e ser interpretada pelo receptor através da leitura do código; a literalidade do processo comunicativo não é objeto de maior importância para os estudos de análise do discurso, por outro lado ela subverte os padrões da comunicação dando-lhes novas perspectivas de localização uma vez que a “noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem” (Orlandi, 2005, p.20). O que se pode prever é que seu objeto aproxima-se não da transmissão da informação através da literalidade do processo comunicativo, desta forma, a língua deixa de ser mensurada apenas como um código e a relação de separação entre os demais elementos do processo comunicativo deixa de ser considerada. Portanto, o que temos é um processo dinâmico entre os seus elementos e mais importante o que se pretende verificar não é a mensagem, mas o discurso.

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação [...] As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (Orlandi, 2005, p.21)

O seu ponto de fixação, quando reflete sobre a noção de leitura, é a partir da questão do sentido e talvez seja essa a referência que possibilita a comunicação entre a Linguística, a Filosofia e Ciências Sociais, consideradas como elementos fundamentais ao estudo do discurso. O que difere da análise do conteúdo que, quando relaciona-se com a linguagem, entende dela poder extrair a literalidade da informação sem observância à necessidade de atravessamento do texto em busca do, já mencionado, sentido.

Segundo Orlandi (2005), a leitura carece do que ele chama de *artefato teórico* para que seja praticável, disso conclui-se a relação entre os diversos trabalhos e a possibilidade do fazer analítico do discurso a partir da teorização da interpretação, o que, segundo o autor, distingue o estudo do discurso da Hermenêutica já que aquele “visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação” (Orlandi, 2005, p.26). Dessa forma é que se percebe que o estudo não importa apenas a interpretação, mas o rompimento de suas fronteiras na observância de seus processos de significação.

Em suma, a Análise do discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura. (Orlandi, 2005, p.26)

O século XIX e sua explosão científica nos diversos campos de observação foi marcado por uma nova forma de se pensar a próprio fazer científico, limitamo-nos apenas ao caso específico da história. O método positivista da escrita histórica, que contribuiu singularmente no salvamento de muitas histórias que poderiam ser destruídas pelo tempo, foi amplamente difundido no século XIX e chegou até o início do século XX como uma espécie de fantasma dos esquecidos. As três gerações dos *Annales* foram imprescindíveis para uma repaginação dessa escrita, mas o que nos chama atenção, no desenvolvimento deste trabalho, trata-se do que passou-se a chamar de nova história política.

Além do que já fora mencionado, outro aporte importantíssimo no desenvolvimento deste trabalho trata-se das discussões acerca da identidade. A atual conjuntura envolta a tais discussões revelam o caráter de fragilidade acerca dos usos de arquétipos identitários², amplificadores de discursos totalizantes e expressivamente representativos dos projetos de elaboração das identidades. Em consideração aos estudos da fragmentação³ identitária promovidos por Hall em *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, este trabalho pretende discutir acerca de dois espaços culturais da cidade, com ênfase na boate *Escancare*, e como esses espaços foram representativos na formação de certas identidades políticas e culturais, reafirmando certo discurso totalizante de identidade paraibana que fora discutido, em outro contexto, por Pereira (2017) em seu trabalho de conclusão de curso intitulado por *Maximiano Lopes Machado e a inauguração da cultura histórica paraibana: a emergência de um sujeito singular*. Naquela oportunidade pude perceber como houve um projeto de construção de uma identidade, tipicamente pertencente ao sujeito paraibano, financiado pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, através de seus representantes, a chamada paraibanidade. O fato é que a crise dos paradigmas já amplamente comentada pelos mais

2 Isso que chamamos de arquétipo identitários trata-se de uma abordagem mais lúdica que teorizada, na verdade é uma importação de um termo muito comum nos jogos de mesa norte-americanos, os chamados Board Games que importados para o Brasil passaram-se a chamar de RPG de mesa. Nesses jogos cada pessoa passa a representar um personagem da história e cada personagem possui seu arquétipo predefinido, daí a ideia da representação de uma identidade fixada.

3 Hall acrescenta ao campo das discussões sociais sobre identidade o processo de fragmentação dos sujeitos a partir da ruptura com as tradicionais matrizes identitárias modernas. Aqui os indivíduos são interpretados a partir da perspectiva que cada sujeito pode relacionar-se com várias identidades ao mesmo tempo, desse modo isso que ele chama de fragmentação do sujeito colabora com a possibilidade desse trabalho em, assim como HALL o fez, perceber que a matriz identificante daquilo que outrora deu sentido a dita *paraibanidade* pode chegar aos nossos dias apenas como ecos de um passado ignorado ou esquecido.

diversos cientistas sociais intervêm nesta proposta como partícipe do projeto de revisitação e revisão da já mencionada identidade paraibana.

Nesse contexto, tem muito a acrescentar o trabalho de Hall e a sua versão dos sujeitos pós-modernos que sofrem esquizofrenicamente um processo de destruição de si. Uma “alma” rompida, desfragmentada em várias outras e cada uma delas com certa independência das demais possuindo seus próprios vícios, signos, comportamentos sociais. A chamada fragmentação do sujeito amplamente divulgada por esse autor possibilitou constatar que mesmo os mais antigos modelos de identificação poderiam e foram questionados e mais que isso suplantados por uma nova espécie de sujeito plural cuja essência é formada por uma união de várias outras identidades e parte disso se deve ao social.

Tomando por base tudo que já foi mencionado, pretendemos avaliar o trânsito desses sujeitos de identidades públicas, forjadas, dentre outros módulos, a partir dos ditos espaços culturais institucionais, que, no caso de Campina Grande, se configurou como o Parque do Povo, entre os espaços ortógrados como oficiais e outros espaços periféricos, em específico o caso da antiga boate Escacare cuja localização periférica, a falta de infraestrutura básica e saneamento não foram suficientes para inibir as visitas tão não planejadas quanto não pretensiosas a esses espaços de cultura periféricos.

Pessoalmente, o interesse com esse objeto vem de um pouco antes quando ainda durante a graduação trabalhei também com História local quando analisei o processo de construção da identidade paraibana. Seguindo esse rumo, me dispus a trabalhar também com a temática das identidades políticas paraibanas que se construíram a partir da cultura, em especial a nossa festa junina e nosso ritmo regional “farró” que é, também, uma das características do “ser paraibano”, embora não colaboramos com o discurso da rigidez e unanimidade das identidades como visto acima, sendo assim, este trabalho se dedicará a versar acerca da construção das identidades políticas paraibanas pelo viés da cultura.

Em se tratando da temática objeto deste trabalho, elencamos recortes de três obras que contribuem imensamente com nossa análise acerca de identidade política paraibana, inicialmente dialogamos com a tese do professor Aires que escreveu acerca do Espetáculo da política paraibana nos seus diferentes níveis e a partir de diferentes metodologias: jornais, fotografias, músicas e relatos. Seu trabalho, orientado na interface da nova história política, um braço da nova história cultura e social trouxe resposta a demandas mais recentes do século XX e a pluridisciplinaridade tão importante na história recente, por esse motivo sua tese é tão importante, pois dialoga com um elemento crucial na nossa análise: a construção da identidade a luz de uma ilusão. Em um segundo

momento, faremos um recorte no trabalho de Santos que contemplou um capítulo de sua dissertação para trabalhar com a construção da identidade política, nos nossos termos, da família política Cunha Lima, nessa ocasião poderemos perceber as estratégias adotadas por esses políticos que construíram um legado no âmbito cultural que perdura até dias recentes. Por fim, dialogaremos com a obra de Lima que também dedicou um capítulo da sua obra “*Fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*” em dissertar sobre a aproximação dos políticos campinenses do parque do povo e, por fim, demonstrar como houve um aparente deslocamento da classe política campinense do centro ou polo cultural central da cidade para regiões periféricas.

2 A TEATRALIZAÇÃO DA POLÍTICA PARAIBANA, ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS ACERCA DA TEMÁTICA.

Alguns aspectos do trabalho de Aires são imprescindíveis para trazer certos esclarecimentos às estratégias que pretendemos fazer uso durante o desenvolvimento da nossa discussão, na verdade, o recorte que faremos em seu trabalho será muito pontual e diz respeito a sua discussão acerca do que chamamos de *Nova História Política* e dois conceitos que serão úteis na leitura do nosso objeto, decidimos fazer esse distanciamento considerando que o contexto do trabalho de Aires em nada se aproxima do nosso, além disso, pretendemos percorrer outras discussões que não foram contempladas pelo autor naquela oportunidade. Nossa trajetória pode começar através dos mecanismos escriturísticos adotado pelo professor que estabeleceram o norte de sua escrita, são eles os elementos da dita nova história política dos quais precisamos, mesmo que limitadamente, trazer certas elucidções para destacar como tais aspectos podem contribuir no processo de elaboração da História local que é, sem dúvida, nosso grande objetivo nesse trabalho.

A virada do século XIX para o XX já foi amplamente discutida em todos os níveis de análises das mais diversas ciências sociais, para nós interessa nesse espaço trazer esclarecimentos acerca de com tais modificações contribuirão com um novo olhar acerca da forma de se escrever história política, embora seja importante destacar antes de seguir adiante na discussão que o que chamamos de “novo” não é mais nenhuma novidade, na verdade, o termo nos parece ser utilizado apenas para destacar como essa história política do XX se diferencia da tradicional praticada anteriormente.

A grande crítica à História política tradicional era em relação a sua suposta superficialidade. A nova História queria encontrar a realidade histórica nas camadas mais profundas das estruturas econômicas e sociais, nos comportamentos coletivos e nos fenômenos de longa duração. (Aires, 2012, p.24)

Tais transformações orientadas pelas demandas do século XX não podem, como em qualquer outro tipo de trabalho que se pretende discutir as ciências sociais, negar aquilo que foi produzido no século XIX, na verdade, tal como fiz no trabalho de conclusão da graduação sempre existirá espaço para a história tradicional, já que muitos dos nossos trabalhos precisarão ocasionalmente visitar aqueles escritos para construção das nossas ideias. Mais importante é perceber como o século XX foi importantíssimo na possibilidade da pluridisciplinaridade, comentada por Aires, em um gama de outras ciências importantíssimas, cada uma trazendo contribuições em seus espaços de saber.

Foi tomado emprestados técnicas, métodos, conceitos e problemáticas, noções e interrogações. A matemática, contribuindo com as estatísticas, quantificando o político; a linguística, oferecendo possibilidades de trabalhos com o discurso; a psicologia social, contribuindo com estudos de comportamentos políticos, representações. Dessa forma, a história política renovada foi se reconciliando com as principais críticas levantadas no início do século XX, com o quantitativismo e a longa duração e com as noções de sujeito e comportamento coletivo. (Aires, 2012, p.25)

Em nível nacional, a nova história política aprofundou-se enquanto representante da história social e cultural, sendo assim passou a orientar os estudos dos historiadores através das problemáticas do poder repercutindo nos conceitos da memória, imaginário, representação, discurso e cultura política. Sua escolha de “matriz teórica” lhes garantiu a possibilidade de abordar a política a partir de vieses antes não mensurados, permitindo a relação da qual também nos aproveitamos entre a política e a cultura que, inclusive, representou a interface que segundo o autor tomou seu rumo a partir dos anos 1990.

Portanto um trabalho mais elaborado no campo das representações e, mais especificamente das práticas políticas definidoras de comportamentos, objetos da psicologia social, demandaria um espaço que não temos a nossa disposição nessa oportunidade, desse modo utilizamos as discussões do professor José Luciano de Queiroz Aires⁴ em sua tese *Cenas de um espetáculo político: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945)*, com a finalidade de entender essa interface da nova história política o processo de teatralização da política paraibana que foi o enfoque adotado pelo em sua tese.

O contexto de análise de seu trabalho foi orientado a partir da espetacularização da política no contexto da Era Vargas, sendo assim priorizou entender a dramatização do poder, a simbologia e seus atores. Já que nosso objeto se localiza algumas décadas à frente de sua análise, meados dos

⁴ Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (1997) e mestrado em História pela Universidade Federal da Paraíba (2006). Atualmente é Professor Adjunto I da Universidade Federal de Campina Grande. Já atuou como professor efetivo – Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Desporto, professor contratado da Universidade Estadual Vale do Acaraú e professor substituto da Universidade Estadual da Paraíba. Informações coletadas do Lattes em 02/02/2020

anos 1980, o diálogo pretendido com Aires se deu a partir de dois conceitos que utilizou em sua tese que podem muito bem ser importadas em quaisquer trabalhos que contemplem a temática da política e, nesse caso mais específico da política, na cidade de Campina Grande. O primeiro conceito muito próprio do qual fazemos uso é o da hegemonia cultural⁵, para Aires “o elemento retórico usado pelos poderosos do Estado, para a busca de controle de classe social e de legitimidade política, se deu a partir da hegemonia cultural” (AIRES, 2012, p. 23). Nossa escolha de uso desse conceito se deu ao percebermos que um exercício de retorno ao contexto da Campina Grande da metade do século XX demonstrou uma aproximação da classe política local às camadas populares que tornavam-se cada vez mais relevantes, coisa que trataremos mais à frente nessa discussão.

O segundo conceito que importamos e do qual fazemos uso está presente nessa discussão com a finalidade de perceber o quanto esses representantes da classe política local assumiram a perspectiva de personagens possíveis de serem mensurados através de análises sobre comportamento, discurso, isto é, fazendo-se uma leitura de tais representantes como personagens imersos em enredos espetaculosos. O chamado conceito do *Estado Espetáculo* do cientista francês Schwartzberg, insere tais personagens dentro de um enredo no qual assumem o objetivo de incentivar o desvio do olhar, criando uma ilusão ao público-alvo a partir de uma maquiagem que mascarasse os reais problemas e, na contramão, tudo isso possível devido a uma concessão que o seu público lhes concedia, observando e absorvendo esse espetáculo através do recurso da alienação que é o produto final dessa relação dos agentes políticos e seu público direto.

A pertinência de ambos os conceitos para nosso estudo se deu devido à relação que encontramos, e trataremos mais adiante, desses personagens políticos com seu público-alvo formado em grande parte por representantes de origem contrária a esses políticos, os chamados populares; além disso, sobretudo pelo uso do segundo conceito, podemos perceber como houve uma aproximação desses sujeitos políticos e, necessariamente estamos falando da família Cunha Lima, do espaço do Parque do Povo com propósitos específicos que podem ter contribuído na formação identitária de tais sujeitos e, por fim, uma relação que outros representantes da classe política desenvolveram com a antiga boate Escancare.

5 Conceito utilizado pelo professor Aires tendo como base o trabalho do historiador inglês E. P. Thompson (1998). Quem percebeu que o controle por parte da nobreza, até 1790, se deu a partir da teatralização da política e na contramão da concessão que os plebeus davam aos nobres, uma relação que poderia revelar proveitos para os menos favorecidos. Sua análise discorda do conceito clássico estabelecido por Antonio Gramsci para que representou uma forma de dominação ideológica de uma classe social sobre outra.

3 O “COMPLEXO” DA CULTURA CAMPINENSE: QUANDO O INSTITUCIONAL NÃO É MAIS SUFICIENTE, A BOATE ESCANCARE COMO MICROCENTRO CULTURAL PERIFÉRICO.

Antes de mais nada, o que chamamos de complexo da cultura campinense não se trata de uma história ou análise das origens ou do conglomerado cultural local, isso demandaria espaço insuficiente nesse trabalho. Em suma, chamamos de complexo cultural o maior vetor de representação do estereótipo cultural campinense, o parque do povo e o “Maior São João do mundo”, portanto o leitor não encontrará aqui análises elaboradíssimas acerca da construção, do projeto ou quaisquer outras informações que não estejam relacionadas a como esse espaço fora utilizado pela política no processo de construção e reafirmação de certos sujeitos políticos.

Neste segundo momento, elegemos o terceiro capítulo, *“Buscando personalizar e materializar a modernidade da cidade: o nascimento político de Cássio Cunha Lima e a invenção da Micarande”*, da dissertação do professor Wagner Geminiano dos Santos⁶, *“Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des)inventando festas e (re)inventando a cidade. 1965-2002”*, como motor da nossa discussão, já que o contexto que trabalha o autor se aproxima e muito do nosso objeto.

Antes de iniciar a discussão propriamente dita, é muito importante localizar o leitor do que se trata o trabalho de Santos, buscaremos a clareza e objetividade no recorte que decidimos aportar na elaboração da nossa discussão. O eixo problematizador do autor gira em torno de responder como a cidade de Campina Grande passou de “Capital do trabalho” à “Capital cultural”, portanto, sua perseguição foi em apresentar quais as condições históricas possibilitaram essa mudança completa de olhar e, para isso, demonstrou como os festejos juninos na cidade de Campina Grande assumiram a representação de um espetáculo possível graças ao interesse da classe política.

Embora seu trabalho contemple muitos outros aspectos da política campinense, procuraremos fazer um recorte na sua discussão para algo que consiga trazer mais esclarecimentos ao nosso trabalho no ponto da discussão em que estamos, desse modo, decidimos unir a sua discussão feita no terceiro capítulo com outra obra que será apresentada logo em seguida, mas muito brevemente e também de forma muito pontual gostaríamos de apresentar um pouco de sua

6 Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (2005). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2008). Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Ex-Professor do Departamento de História da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL (2009-2013). Professor da rede municipal de ensino das cidades de Água Preta – PE e São José da Coroa Grande – PE. Desenvolve pesquisa nas áreas de Teoria da História, História da Historiografia e Historiografia brasileira. Informações coletadas do Lattes em 02/02/2020

análise sobre a política do estado, uma vez que isso, sem dúvida, contribui na construção da figura do político Campinense.

Em se tratando do contexto da Campina Grande na década de 1950, ainda em seu primeiro capítulo, o autor nos traz questões fundamentais para entender os percursos desses atores políticos de Campina Grande. No seu tópico “*Mudanças que (in)definem Campina (como) grande*”, o autor trabalhou as transformações oriundas de uma espécie de crise política municipal. Nesse sentido, destacou a constante perda de prestígio dos políticos de Campina Grande frente a outras famílias do Estado e região o que, por exemplo, levou em 1950 à derrota de Argemiro de Figueiredo, o principal representante da elite campinense, que disputou as eleições estaduais contra José Américo de Almeida e, um ano depois, mais uma derrota nas eleições municipais de Campina quando disputou contra o candidato indicado por José Américo, Plínio Lemos.

Para Santos, a eleição de 1950 representou mais que a derrota de um membro da elite campinense, mas uma espécie de inauguração de novas práticas políticas, minimamente, podemos falar de uma nova perspectiva que culminou na percepção por parte das elites locais campinenses, a partir de meados da década de 1950, não ser mais possível eleger-se ou governar, sem apoio das “classes populares” em um contexto que o autor destacou ter representado forte incômodo às elites campinenses que presenciaram uma verdadeira “invasão” de pessoas desconhecidas nos mais variados espaços urbanos e que precisavam entrar na equação, “as classes médias urbanas e os populares” (SANTOS, 2008, p.50), isso tudo evidenciando mais um fator sintomático do período, o crescimento populacional descontrolado e, portanto, o surgimento e crescimento das regiões periféricas da cidade.

Portanto, a partir da segunda metade da década de 50, não era mais possível se eleger ou governar a cidade sem apoio das “classes populares”, sem demonstrar interesse pelas questões pertinentes “as camadas urbanas da cidade (comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, comerciários, etc)” É desta forma que candidatos de forte “penetração popular” e de práticas políticas explicitamente populistas, assistencialistas e eleitoreiras se tornam possíveis como lideranças políticas da cidade e acima de tudo como chefes da municipalidade a exemplo de Severino Cabral eleito em 1959, em disputa com Newton Rique. (Santos, 2008, p.51)

Isso tudo é muito importante para entendermos os deslocamentos que motivaram uma nova configuração das práticas políticas campinenses e precisa ser consideradas em toda suposta análise que pretende tratar da figura do agente político campinense. Voltando para nossa problemática proposta e, portanto, nosso recorte estabelecido no início deste tópico, podemos observar o exemplo da figura de Cássio Cunha Lima e seu pai, Ronaldo Cunha Lima, os quais faremos uma rápida explanação para demonstrar como o comportamento desses políticos podem ser utilizados para fazer uma breve avaliação do processo de construção de suas identidades, a partir das estratégias

políticas adotadas para perpetuação do poder municipal. Embora o caminho aparentemente mais acertado na trama que estamos trabalhando pareça necessitar de uma apresentação mais detalhada de todo o contexto histórico envolto à construção do Parque do Povo, nos deteremos apenas às informações mais genéricas, não que os detalhes não importem, mas nossa pretensão aqui não será de trabalhar esse espaço como orientador, embora concordamos que ele assumiu, sem dúvida nenhuma, um grande vetor de colaboração na construção das figuras políticas locais angariando grande importância.

Se por um lado a discussão de Santos trabalha mais com a figura do filho, Lima buscou analisar a presença política de Ronaldo Cunha Lima, sobretudo considerando que fora ele, o prefeito à frente da administração quando da inauguração do espaço, para demonstrar como a classe política apropriou-se, e aqui nós percebemos que têm o feito mesmo nos dias atuais, da festa para mostrar-se presente enquanto figura política de grande prestígio. Para não causar estranheza, começaremos com a discussão proposta por Lima e concluiremos dialogando brevemente com Santos. Para nós essa escolha parece ter sido mais acertada considerando que uma breve apresentação sobre o parque do povo, mesmo que resumidamente, precisa levar em consideração a figura de Ronaldo Cunha Lima.

Nesse trabalho temos nos esforçado em apresentar como a classe política demonstrou interesse no aspecto cultural local para se aproximar dos “desconhecidos” da nossa sociedade, isso tudo evidenciado pelas derrotas obtidas como resultados à oposição que a elite campinense obteve frente a outras famílias políticas do Estado e toda região o que culminou na já mencionada “reviravolta” das práticas políticas locais em meados de 50, o que, segundo Santos, representou uma guinada às políticas populistas e isso não pode deixar de ser considerado, na verdade este pode ser um dos indícios para considerarmos uma reconfiguração das identidades políticas locais configurando-se, portanto, como um dos elementos dessa própria construção identitária.

Dito isto, resolvemos trabalhar com o terceiro capítulo da obra “*Fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*”, no qual Elizabeth Chistina de Andrade Lima⁷ apresentou o maior espetáculo campinense, o “Maior São João do mundo”. A autora dedicou-

7 Possui Bacharelado em Ciências Sociais, com área de concentração em Antropologia, pela Universidade Federal da Paraíba (1986), Mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (1992) e Doutorado em Sociologia, na linha de pesquisa Sociologia da Cultura, pela Universidade Federal do Ceará (2001). Atualmente é professora Titular de Antropologia na Universidade Federal de Campina Grande. Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: Gênero e Política, Cultura e Política, Voto e Comportamento Eleitoral, com ênfase em estudos de antropologia da política, a mulher e a disputa por espaços de poder, cotidiano da política, política no ciberespaço. É credenciada nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e História da UFCG, orienta alunos do doutorado e do mestrado. É líder do Grupo de Pesquisa: Antropologia da Política, Cultura Midiática e Práticas Políticas, membro do Grupo de Estudo Núcleo de Estudos Paranaense e Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Cultura, Mídia e Política - LECMIPO, além de Membro do Laboratório de Pesquisas em Política e Cultura -

se a transitar por toda a fase de planejamento, desde os primeiros passos para consolidação do espaço, ao momento que mais nos interessa que trata-se da abertura da festividade em si. Para nós só interessará, nesta discussão, sua problematização acerca da apropriação do espaço da festa junina urbana pela elite política local, isto é, seu terceiro capítulo da obra, quando apresentou seu objetivo e, portanto, aquilo com que se dispôs a discutir; e por fim, como o próprio título do capítulo sugere, a análise de como o maior São João do mundo foi apropriado pelos discursos políticos, assumindo pelo menos duas categorias de uso, no primeiro momento na formação de certas identidades políticas e em seguida como estratégia de renovação do poder a partir das disputas orientadas pelo discursos de situação e oposição, algo em comentaremos mais abaixo.

O conceito da teatralização da política apresentado no início deste trabalho é fundamental para entender a participação e presença dos políticos locais na festa de São João uma vez que, segundo autora, o momento do São João representou – e representa – um momento ímpar. Aqui deve-se considerar o privilégio que tem e, sobretudo, observar os usos que foram, e são, atribuídos ao evento; em primeira ordem a possibilidade do discurso, estabelecido devido à existência de uma via de comunicação dessas elites e seu público e, em segunda ordem, para além da oportunidade de se dispor em frente a seu público popular, a construção de “perfis” identitários aos políticos que se dispuseram enquanto representantes do município, de certa forma a abertura anual do São João pode ser considerado como um momento de medição da temperatura, isto é, uma espécie de termômetro do seu índice de aceitação, por esse motivo é que a abertura oficial anual do São João urbano sempre foi tão representativo, pois é através do discurso de abertura, pertinente ao prefeito da cidade, que os sujeitos políticos conseguem exprimir seus pensamentos; talvez os minutos mais importantes a disposição do representante municipal para proclamar palavras de engrandecimento do “seu” povo; deste modo, a abertura da festa, se configura como um palanque perfeito: espaço privilegiado, público ansioso e palavras de engrandecimento.

Não nos atendo apenas aos usos por parte da elite política, mas, ainda assim, demonstrando os impactos positivos na economia local, orientados pela inauguração do Parque do povo, dedicaremos um pouco do nosso espaço para apresentar também uma breve análise de outros vetores presentes no trabalho de Lima que, sem dúvida, colaboraram na construção da imagem pública que se tinha do representante municipal. Deste modo, os índices econômicos que sempre foram importantíssimos para a classe empresarial podem ser um dos tais vetores, afinal, aquele sujeito político por mais assistencialista, populista, que quisesse parecer não negaria suas origens, embora diversas, no ventre das elites locais, por esse motivo Lima nos apresenta dados

importantíssimos acerca dos impactos locais oriundos da implantação da festa na cidade e da forma como esta possibilitou grande fomento econômico formal, por exemplo, no setor da hotelaria, que via todos os seus quartos reservados durante o evento; mas também outros setores da economia local como o comércio que se vestia nas cores do São João para incentivar a compra, uma prática comum mesmo nos dias atuais. Além do fomento formal na economia, nos chama atenção os, estatisticamente mencionados, empregos indiretos, a festa possuía uma via de mão dupla, se por um lado apoiava-se nos braços da elite empresarial local, também representou uma recém-chegada oportunidade para toda uma população que passou a montar suas barracas e quitandas nos arredores da festa a fim de conseguir uma renda vendendo seus produtos aos turistas.

O incentivo do capital privado também foi uma temática abordada pela autora, quando viu as parcerias público-privada adotadas, justamente, para tornar menos custoso aos cofres municipais o investimento necessário para realização da festa, sobretudo, nas ocasiões em que não existia alinhamento entre os representantes políticos do estado e município, portanto, essa foi uma forma de viabilizar a festividade, inclusive tal informação não deixava de ser repassada para o público atento nas oportunidades de abertura ou encerramento da festa, na verdade isso se revelou como uma estratégia de fortalecimento das políticas municipais e, considerando que tais momentos mencionados se caracterizaram como verdadeiros palanques, este espaço fora amplamente utilizado seja na forma de protesto ao governo do estado, quando da oposição, ou reafirmação do seu esforço e colaboração com a festa, quando alinhado com a política municipal.

Portanto, apresentamos aqui os primeiros indícios da apropriação do espaço público da festa junina pela classe política já que, como já fora mencionado, não só a abertura, mas o encerramento representou naqueles momentos um espaço especial de crítica ao governo, “defesa” de seu povo através da retórica especializada e mais que isso perpetuação do poder já que quando Ronaldo deixa a prefeitura da cidade para se tornar governador do estado foi seu filho quem assumiu o papel de defensor desse povo, dessa festa.

A festa além de servir de instrumento e dispositivo de legitimação, é também moeda política; assim, para que ela não desapareça, é preciso um “guardião” e ninguém melhor do que o próprio filho do “pai da festa”, para protegê-la de seus “algozes” e “desafetos”. Esses discursos e outros permearão a campanha política do candidato do prefeito, de tal maneira que será comum o enunciado de que é necessário que Cássio ganhe as eleições para que o São João de Campina Grande não desapareça; portanto, uma das estratégias de perpetuação de poder amplamente utilizada pelo grupo político dos “Cunha Lima” é exatamente a apropriação da festa [e da cidade], tomando para si a autoria e, sobretudo, a proteção do evento [e de Campina Grande]. (LIMA, 2002, p.165)

Na imagem abaixo, vemos uma foto onde é possível perceber a figura de Ronaldo Cunha Lima, fundador da festa, segurando um cartaz que já traz a representação da imponência do espetáculo do *Maior São João do Mundo*, além disso, mais um dos elementos de representatividade

a grandiosidade da festa que sua duração “De 1 a 30 de Junho”, sendo, inclusive, uma estratégia de perpetuação do poder, uma vez que através dos discursos foi possível criar um fantasma da possibilidade de uma outra família política tentasse diminuir o período de duração ou acabar por completo.

Ronaldo Cunha Lima, ex prefeito e fundador do Parque do povo



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2020)

De outra forma, o trabalho de Santos soma nesse tópico, a partir da sua verificação de uma espécie de “profissionalização” do agente político, medida adotada por Cássio Cunha Lima e que vamos apresentar abaixo. Se Ronaldo Cunha Lima assumiu a alcunha de pai da maior festa da cidade, Cássio Cunha Lima precisou se esforçar para manter a boa imagem enquanto representante da boa política e amigo do povo que foi construído por seu pai, imagem essa que, na verdade, foi fruto das transformações orientadas em meados de 1950 e que já foi discutido nesse trabalho, é neste ponto que a discussão de Santos é muito própria já que inicia seu capítulo apresentando Ronaldo enquanto um sujeito em busca da construção da figura de “pai” e “protetor” da cidade, o que para o autor assumiu a configuração do que se tornou a estratégia de perpetuação do poder da família, o que pode ser verificado através do conhecidíssimo grito “unânime” do “fica, fica, fica”⁸.

Com o discurso de tornar a cidade cada vez maior e moderna, com o engrandecimento do “seu” povo através de sua fala, o carisma e o prestígio Ronaldo construiu sua imagem enquanto político de boa fé e representante da boa política, defensor da causa pública e guerreiro em defesa do seu patrimônio pessoal, a cidade de Campina Grande. Então, quando Santos menciona que os

⁸ A conhecidíssima resposta ao discurso de Ronaldo Cunha Lima no dia 14 de Maio de 1986. “Eu devo renunciar a meu mandato de Prefeito. Tenho até meia-noite para decidir. Mas para atender à vontade do meu povo, fico. Ficarei até o fim governando Campina Grande para bem servi-la. Aqui, no momento histórico da mais alta responsabilidade para minha vida política, para o destino de Campina Grande e da Paraíba, eu repito o que foi dito há muito tempo, uma frase que ficou na história deste país: se Campina Grande pede e se pela vontade deste povo, eu digo a este povo que fico” – Jornal da Paraíba, edição do dia 15/05/1986 apud LIMA, Elisabeth Christina de Andrade. Op. Cit. 2002. p159-60.

discursos de Ronaldo e Cássio tentavam reproduzir laços de pertencimento e familiaridade com a cidade, para nós, além de uma estratégia política representa um dos traços dessa identidade que temos tentando mensurar desde o início desta discussão, afinal, não poderia ser diferente, qual seria a melhor forma para sustentar uma política de oposição ao governo estadual que não um discurso em defesa da “cidade-rainha”?

Por fim, contribui ainda, sua análise da figura Cássio Cunha Lima, no que diz respeito a uma nova forma de fazer política na Paraíba, não pela ruptura com as oligarquias regionais, como indica o autor, mas o incremento de novas práticas políticas com “contornos modernos definidos pelo marketing político, como, por exemplo, um maior cuidado com a imagem, com a vestimenta, com a escolha das cores da campanha e da administração” (SANTOS, 2008, p.167). Ou seja, uma espécie de exercício profissional da política, não que aqueles que vieram antes não tivessem pensando a respeito ou exerciam uma forma de política antiquada, mas é com a administração de Cássio que esses novos elementos ganham contornos “oficialidade”, dessa maneira colaborando com percurso no qual os políticos da Paraíba e, neste caso específico, da cidade de Campina podem ser lidos através do tempo, portanto, pelo estudo sobre o comportamento, os discursos e os usos dos espaços culturais.

Em suma, nosso objetivo foi demonstrar como a cultura foi a principal via de transformações políticas na nossa cidade e, portanto, uma resposta na elaboração de tais identidades políticas locais, desse modo quando trazemos, um recorte do relato do antigo dono de uma das primeiras boates da cidade tentamos, justamente, demonstrar como outros espaços “não oficiais” também funcionaram como uma espécie de palanque “silenciado”, um lugar que mais à frente você perceberá que, de forma menos acentuada, mas existente, também pode ter colaborado nesse longínquo processo de construção das identidades políticas, nesse mesmo contexto, da teatralização, embora de forma menos explícita, e da aproximação das classes populares, afinal, como já foi dito tratou-se de uma estratégia política, à aproximação desses agentes às camadas populares através da cultura.

Para finalizar essa discussão, parte do que foi dito pelo antigo dono da boate Escancare, tentamos dar uma resposta à demanda que perseguimos nesse trabalho, de perceber uma aparente migração por parte desses sujeitos públicos do espaço tido como central, portanto, oficial, para outro espaço periférico. Desse modo, toda discussão anterior foi importante para perceber que essa classe política local, objeto deste trabalho, e que não se resume apenas a família mencionada, aproximou-se da cultura não apenas com intuito de refutar outras famílias políticas de oposição ou

reafirmar seu dever com a questão pública, mas também fazer surgir novos nomes com apoio daqueles que já passaram, o jogo político comum no nosso país.

Tendo tudo isso em mente, todas as colaborações e estudos que foram apresentados acima, nos surgiu o questionamento: e quanto o oficial e institucional não é suficiente? O maior São João do mundo, desde seu surgimento, ocorre em um período de trintas dias, marcados no calendário, desse modo, chegamos ao questionamento acerca do que fariam esses políticos quando existia a necessidade de se mostrar presente nos meses antes ou depois da maior festa da cidade? Se assumimos que a via de comunicação com o público popular foi através da cultura, também precisamos levantar hipóteses de como esses sujeitos dialogavam com seu público nos meses de aparente “descanso” nas atividades culturais oficiais da cidade. Para tentar obter uma resposta nos aproximamos ainda mais do contexto das identidades locais reforçadas pelo São João enquanto símbolo marcadamente presente na essência do Paraibano, portanto, algo que orienta e reafirma nossa identidade e, neste caso mais específico, do próprio Campinense.

Em resposta a tal “demanda” identitária, elegemos apresentar um caso ocorrido no bairro Cruzeiro, localizado na zona sul da cidade e que até pouco tempo atrás poderia passar despercebido como um bairro de menor importância considerando a baixa taxa de ocupação, mas que teve com protagonista sua primeira boate aberta em 1985. A Escancare, como foi chamada, surgiu a partir de um projeto do músico Nalbert Lima sendo ela, na verdade, uma resposta ao sucesso de sua antecessora, *Cervejaria do Cruzeiro*, que, inclusive, teve o espaço ressignificado recentemente, mas que sobreviveu até muito recente como uma velha cervejaria em uma esquina com a Av. Juscelino Kubitschek, logo em frente a antiga boate.

Se voltarmos um pouco mais no tempo, e nesse caso somos incapazes de precisar a data justamente pela falta de maiores informações durante o relato do antigo dono, a história da Cervejaria pode ter tido início por volta do fim da década de 70 e início de 80 do século passado, mas o que importa para nós é que, antes mesmo da Cervejaria do Cruzeiro, através do relato de nosso entrevistados, tivemos conhecimento da existência do que provavelmente pode ter sido o primeiro espaço cultural daquela região: o *Bar do Cruzeiro*, cujo proprietário vendeu o espaço para o seu amigo, Nalbert Lima, que transformou-a no Cervejaria e em abriu espaço para a fundação em 1985 da antiga boate.

A própria cervejaria que antecedeu a boate já surgiu com a grandiosidade de um espaço cultural à disposição da reprodução na cultura local arraigada na identidade do paraibano. Às segundas, a chamada *Noite dos Artistas* teve como convidados cantores de grande prestígio local

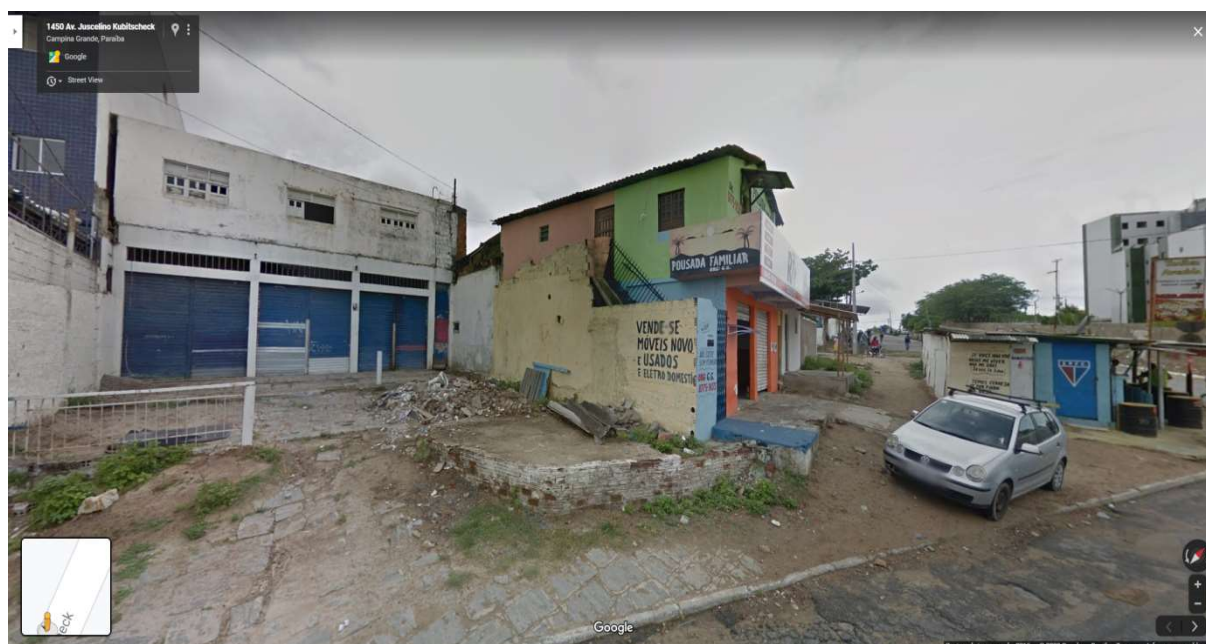
como Amazan, Capilé, mas não restringiu-se apenas a essa classe de artistas, o espaço também foi aberto a humoristas, como Shaolin. O sucesso que repercutiu através da cervejaria possibilitou a abertura da boate Escancare em uma região que não tinha nenhum tipo de saneamento tampouco urbanização, segundo o proprietário o barro e a lama tornavam-se um problema em períodos chuvosos. E mesmo com todos os problemas e baixa ocupação residencial da região, à exceção da chamada, até os dias de hoje, “ruinha”, rua Felizardo Ribeiro, perpendicular a rua Otávio Amorim onde fica localizado o cemitério do cruzeiro, o projeto deu frutos positivos que chegaram aos ouvidos atentos.

Segundo o senhor Nalbert, o espaço funcionava seis dias por semana e seu objetivo sempre foi de dar espaço a todos os tipos de cantores, dos consolidados aos menos conhecidos, havia espaço para todos. Economicamente, a boate foi importante pois garantiu emprego a pessoas do seu entorno, sua promoção à cultura nas madrugadas a dentro fez surgir dois sentimentos, existiam os que se apropriavam e participavam, e de outro lado os que se incomodavam.

Segundo relato, duas situações colocaram em cheque a sobrevivência da boate, no primeiro caso, fiéis de uma igreja católica nas proximidades, incomodados com a festa moveram ação civil contra o empresário, o segundo caso tratava-se de ataques por parte de um radialista que não media esforços em publicamente demonstrar o quanto se sentia incomodado com o espaço, embora tenha dito que nenhum dos dois casos impediu seu funcionamento ficou perceptível seu desapontamento.

O mais importante para esse trabalho é como, depois da abertura da boate, tornou-se muito comum a presença de políticos no espaço, e que embora não tivesse lugar explícito de fala, tal como fora demonstrado logo acima no caso do *Parque do Povo*, sempre foram anunciados e sempre se faziam ser vistos pelos populares visitantes da casa, o que na verdade pode reforçar a já mencionada estratégia política de aproximação e, na contramão, uma das estratégias tomadas pelo antigo dono para angaria robustez, fortificando o prestígio da sua, embora tenha deixado claro não ter existido qualquer interferência política em seu projeto.

Prédio abandonado da antiga Escancare, ao lado memórias da cervejaria do cruzeiro



Fonte: Google maps (2020)

Infelizmente, o espaço hoje não passa de um galpão abandonado, mas as memórias dos populares do entorno ainda são muito recentes, inclusive, porque muitos anos depois, em meados dos anos 2003-2005, o antigo dono abriu a chamada Escancare 2 muito próximo a antiga, mas por pouco tempo. Todo modo é sempre importante revisitar esse passado para entendermos as estratégias e como houve o envolvimento da classe política local no fomento da cultura da cidade, o que nesse trabalho, ficou claro a utilização desses espaços culturais como a antiga boate *Escancare*, ou mesmo o próprio *Parque do Povo* que foi e ainda é utilizado como um espaço de reafirmação de identidades e disputas políticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso até aqui revelou o quanto a classe política paraibana se aproximou desses espaços culturais para construir uma imagem pública que valorizasse os princípios populistas. Como vimos, em meados do século passado ocorreu a primeira reviravolta na definição e comportamento desses sujeitos públicos que precisaram a ter de contar com a “gente popular” para obtenção do poder, por esse motivo é que políticos daquele período precisaram desenvolver estratégias para obter a confiança de uma fatia da população da qual não era representante, mas que precisa se mostrar enquanto.

Nosso objeto se localizou na década de 80, tempos depois do início das práticas populistas, mas, como vimos, houve um processo de aprofundamento e melhoria dessa roupagem da qual chamamos de identidade política. O carisma, a defesa com o bem público e com a cidade, todas

essas características foram agravadas com o fomento da abertura do primeiro “Maior São João do Mundo” que garantiu ao ex-prefeito da cidade o título de “pai da festa”, “protetor da cidade” e ao filho o dever de garantir a sobrevivência daquela festa.

Apresentamos também como esses políticos se envolveram com a cultura com a finalidade de se apresentarem enquanto bons gestores, por esse motivo é que vimos o quão importante representou para esses sujeitos a apropriação da abertura e encerramento do São João, espaços de prestígio que garantiam ao prefeito uma oportunidade de confrontar o “seu povo”. Um palanque fora de campanha, medidor da atmosfera política, também um espaço de confronto entre oposição e situação, o reforço da contestação entre as famílias políticas fora de Campina.

Por fim demonstramos, a partir da boate Escancare, que houve um deslocamento desses políticos do centro à periferia. A maior festa da cidade, com dias contados, é, sem dúvida, o momento de mais visibilidade, mas questionamos o fato de como esses sujeitos públicos continuavam a reafirmar sua imagem enquanto homens do povo, chegamos a possibilidade do deslocamento, o que de fato ocorrera no caso da Escancare, uma boate na periferia da cidade que passou a ser alvo de visitas de políticos.

REFERÊNCIAS

AIRES, José Luciano de Queiroz. Cenas de um espetáculo político: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945). Tese de doutorado – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. História, 2012.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. 11º ed, Rio de Janeiro. Editora DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo. Edições Vértice, 1990.

LIMA, Elizabeth Chistina de Andrade. A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa. Editora Idéia, 2002.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos. 8º ed, Campinas. Pontes, 2009.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des)inventando festas e (re)inventando a cidade. 1965-2002. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. História, 2008.